



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE,
SECRETARIADO EXECUTIVO E FINANÇAS – FEAAC
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO SECRETARIADO EXECUTIVO

MARTA ERLANIA SILVA ALEXANDRINO

MATERNIDADE, TRABALHO E ESTUDO: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE
SECRETARIADO EXECUTIVO

FORTALEZA-CE

2024

MARTA ERLANIA SILVA ALEXANDRINO

**MATERNIDADE, TRABALHO E ESTUDO: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE
SECRETARIADO EXECUTIVO**

Monografia apresentada ao Curso de
Secretariado Executivo do Departamento de
Administração da Faculdade de Economia,
Administração, Atuária, Contabilidade e
Secretariado Executivo da Universidade
Federal do Ceará.

Orientadora: Profa. Dra . Daniela Giaretta
Durante

FORTALEZA-CE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A371m Alexandrino, Marta Erlania Silva.
Maternidade, trabalho e estudo : vivências de estudantes de Secretariado Executivo / Marta Erlania Silva Alexandrino. – 2024.
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Secretariado Executivo, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Daniela Giareta Durante.

1. Mulheres. 2. Maternidade. 3. Mercado de Trabalho. 4. Vida Acadêmica. I. Título.

CDD 651.3741

MARTA ERLANIA SILVA ALEXANDRINO

**MATERNIDADE, TRABALHO E ESTUDO: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE
SECRETARIADO EXECUTIVO**

Monografia apresentada ao Curso de Secretariado Executivo do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Giareta Durante

Aprovada em: 25/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Giareta Durante (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Conceição de Maria Pinheiro Barros
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Sônia Regina Amorim Soares de Alcântara
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus e a todos aqueles que de alguma forma
contribuíram para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fortalecer e me ajudar a concluir esse ciclo da minha vida.

Aos meu pais, por todos os esforços durante toda minha jornada estudantil, que me possibilitaram chegar até aqui.

À minha amada filha, Ana Letícia, minha motivação diária para prosseguir.

À minha irmã Valéria, por sempre me auxiliar nos momentos necessários e sempre me incentivar.

Ao meu companheiro Tiago, por sempre estar ao meu lado nos momentos de angústia e incertezas, sempre me apoiando e acreditando na minha capacidade.

À minha orientadora Daniela, por toda dedicação, disponibilidade, compreensão e por não desistir de mim, mesmo quando eu já tinha desistido.

Às entrevistadas, pela disponibilidade e por tornarem a minha pesquisa possível.

Aos amigos que a graduação me deu, Anna Stefânia, José Nardel, Maria Mônica e Jordan Jessé, que por vezes foram meu suporte durante o decorrer do curso e me ajudaram a não desistir.

Ao querido Edson Rodrigues, técnico administrativo do Curso de Secretariado Executivo da UFC, por todo o suporte no decorrer desses anos de curso, sempre disponível, atencioso e a quem considero um amigo.

A banca examinadora pela disponibilidade e colaboração na concretização desse trabalho. Obrigada!

RESUMO

As mulheres estão cada vez mais em busca do seu lugar na sociedade, estando, atualmente, inseridas no mercado de trabalho de forma efetiva, muitas vezes conciliando o trabalho, os estudos, as funções domésticas e, sobretudo, a maternidade. O estudo tem como objetivo geral compreender as vivências de discentes do curso de Secretariado Executivo, que precisam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica. A pesquisa é qualitativa e descritiva. Foram realizadas entrevistas com sete estudantes de secretariado que também são mães e realizaram atividade laboral remunerada. Os dados revelam que as mulheres que precisam exercer a maternidade, atividades laborais e ao mesmo tempo estudar, convivem com a sobrecarga de afazeres e preocupações, sendo a conciliação dos três papéis um enorme desafio para todas, mas que mesmo com todas as dificuldades elas buscam estratégias, como abdicar de horas de sono, horário de almoço, tempo em família ou contar com uma rede de apoio, para se manterem firmes em seu percurso acadêmico, tendo como motivação, além da realização pessoal e profissional, o desejo de oferecerem melhores condições de vida para os filhos, através da conclusão do ensino superior.

Palavras-chave: Mulheres. Maternidade. Trabalho. Vida Acadêmica.

ABSTRACT

Women are increasingly seeking their place in society and are now effectively inserted into the job market, often reconciling work, studies, domestic duties and, above all, motherhood. The general aim of this study is to understand the experiences of Executive Secretary students who have to reconcile motherhood, work and academic life. The research is qualitative and descriptive. Interviews were conducted with seven secretarial students who are also mothers and have paid jobs. The data reveals that women who have to carry out motherhood, work and study at the same time, live with an overload of chores and worries. Reconciling the three roles is a huge challenge for all of them, but that even with all the difficulties they seek strategies, such as giving up hours of sleep, lunch time, family time or relying on a support network, to remain firm in their academic career, motivated not only by personal and professional fulfillment, but also by the desire to offer better living conditions for their children by completing higher education.

Keywords: Women. Motherhood. Work. Academic life.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Roteiro de Entrevista.....	25
Quadro 2	Entrevista realizadas.....	26
Quadro 3	Ingresso no curso de Secretariado Executivo.....	31
Quadro 4	Rotina de mães trabalhadoras e estudantes	32
Quadro 5	Percepção sobre ser mãe, estudante e profissional.....	34
Quadro 6	Desafios para conciliar a maternidade, atividade profissional e estudos.....	35
Quadro 7	Maternidade e abandono dos estudos.....	36
Quadro 8	Experiências significativas/desafiadoras de mães estudantes.....	37
Quadro 9	Estratégias usadas para conciliar maternidade com vida acadêmica e profissional.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Mulher na sociedade	12
2.2	A maternidade e a vida acadêmica e profissional.....	17
2.3	A importância da rede de apoio na permanência universitária.....	21
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.1	Perfil dos sujeitos: mães, profissionais e estudantes de Secretariado Executivo.....	28
4.2	Ingresso no curso de Secretariado Executivo.....	28
4.3	A rotina de mães trabalhadoras e estudantes de Secretariado Executivo....	31
4.4	Desafios em conciliar maternidade, trabalho e estudo.....	34
4.5	Estratégias utilizadas para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	48

1 INTRODUÇÃO

As mulheres estão cada vez mais em busca do seu lugar na sociedade, estando, atualmente, inseridas no mercado de trabalho de forma efetiva, muitas vezes conciliando o trabalho, os estudos, as funções domésticas e, sobretudo, a maternidade.

A presença feminina no mercado de trabalho aumentou significativamente. As mulheres contribuem para o sustento de suas famílias, superando condições de pobreza familiar ou substituindo a presença masculina, deixando de cumprir a função apenas de mãe e esposa e entrando no ambiente produtivo como trabalhadora (Benassi; Ubinsk; Malacarne, 2016).

A história das mulheres é baseada em lutas pela igualdade de direitos e reconhecimento e suas conquistas são inúmeras, dentre elas acesso à educação e independência financeira. Dessa forma, a imagem da mulher mãe e dona de casa vai sendo gradualmente alterada, porém, estudos sobre indicadores sociais das mulheres apontam uma sobrecarga feminina, onde as mulheres dedicam quase o dobro do tempo, em comparação aos homens, nos cuidados dos filhos e afazeres domésticos (IBGE, 2021).

Mesmo com todas as dificuldades, nos últimos anos, a presença feminina se tornou crescente na educação superior e, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2020 (Brasil, 2022), o sexo feminino é predominante nas matrículas em graduação, tanto na modalidade presencial quanto à distância. Somados aos desafios comuns enfrentados pelos estudantes dos cursos superiores, as mães estudantes se deparam com situações vindas da necessidade da conciliação entre as responsabilidades maternas, familiares e acadêmicas, que não raro se tornam barreiras para a permanência na universidade ou ocasionam atrasos na conclusão dos cursos, dessa forma, adiando ou causando a perda de oportunidades.

A crescente inserção feminina em espaços que antes eram restritos a um só gênero vem desenhando um novo cenário e acentuando mudanças no processo de identificação docente/discente (Andrade; Iwamoto, 2019).

Diante da minha experiência enquanto estudante do curso de Secretariado Executivo, em um contexto de contínua tentativa de conciliar de forma aceitável a vida de estudante universitária, profissional, mãe e dona de casa, tive o interesse de compreender melhor essa questão: como as mães universitárias conciliam a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica?

O estudo tem como objetivo geral mapear as vivências de discentes do curso de Secretariado Executivo, que precisam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica.

Como objetivos específicos tem-se:

1. Apresentar o contexto pessoal quando do ingresso no curso de secretariado executivo;
2. Entender a rotina de mães trabalhadoras e estudantes de secretariado executivo UFC;
3. Identificar desafios para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo;
4. Identificar estratégias utilizadas para conciliar maternidade, trabalho e estudo.

Diante dessa realidade em que estudantes universitárias estão inseridas, e, considerando a minha experiência como mãe, estudante e profissional, o estudo é relevante para a compreensão dos desafios enfrentados por essas mulheres, e por se tratar de uma realidade tão presente dentro das universidades.

Os resultados obtidos irão ampliar os conhecimentos e discussões sobre o tema, como também uma melhor compreensão do assunto dentro da Universidade Federal do Ceará e seus possíveis impactos na formação acadêmica destas mães, especialmente no curso de Secretariado Executivo, um curso predominantemente ocupado por mulheres.

O texto segue com o referencial teórico, discutindo sobre a mulher na sociedade e a problemática de conciliar a maternidade, vida acadêmica e profissional. Na seção três, os procedimentos metodológicos são detalhados. A seção quatro dedica-se a apresentação e interpretação dos dados obtidos nas entrevistas e, por último, conclusões são apresentadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está dividido em três subtópicos. O primeiro aborda a mulher na sociedade. O segundo trata sobre a maternidade e a vida acadêmica e profissional e o terceiro mostra a importância das redes de apoio na permanência universitária.

2.1 Mulher na sociedade

Segundo Carvalho (2016, p. 30), “A história revela que as mulheres eram associadas ao universo privado, do lar, dos afazeres domésticos e dos cuidados com a família. Enquanto aos homens era reservado o espaço público, a política, o provimento do lar”.

A mulher sempre foi vista na sociedade como uma figura que precisava da presença masculina para ter validação social.

A imagem de dependente do homem sempre foi atrelada às mulheres, elas precisavam de um parceiro para poder existir na sociedade. As meninas que mal completavam os estudos já casavam, saindo da casa dos pais para o lar onde iriam construir suas famílias. A mulher era definida por características que corroboravam essa dependência masculina, fazendo-as acreditarem que eram o sexo frágil e que precisavam de um homem para ampará-las. Tomadas por emoções, influenciadas por paixões, se envolvendo e se sensibilizando com todos que necessitam, todas essas fraquezas definiam uma mulher, características que atribuíam a ela fragilidade, pena e necessidade de proteção (Menuci, 2018, p. 375).

Durante muito tempo, a educação oferecida às mulheres estava voltada apenas para o aprendizado das tarefas domésticas e devoções religiosas. Somente no início do século XX, o ensino foi levado para um âmbito mais de formação intelectual, ainda assim denotando desigualdade de gênero, pois os homens cursavam o ensino secundário com a perspectiva de ingressar no ensino superior, enquanto as mulheres tinham como única opção as escolas normais, destinadas ao magistério (Custódio; Silva, 2016).

A Lei n. 5.692/1971 trouxe reformas na educação que permitiam ajustes às diretrizes político-econômicas do regime militar, dessa forma, beneficiou as mulheres, pois equiparou todos os cursos de grau médio, tornando possível que as estudantes de cursos normais disputassem vagas no ensino superior, o que as possibilitaria continuar sua formação, trazendo com isso um avanço da escolaridade feminina nas décadas seguintes (Custódio; Silva, 2016).

Ao longo da história, não somente na educação, sempre houve diferenciação entre os papéis desempenhados na sociedade por homens e mulheres, sendo os mesmos vistos de

formas desiguais. Conforme Loch, Torres e Costa (2021, p. 2), “Desde a infância, as atividades propostas para as crianças ainda são sexistas: meninos são incentivados a desenvolver a objetividade, enquanto as meninas são incentivadas a desenvolver habilidades mais subjetivas”.

Diante dessa realidade, foi idealizado que as mulheres devem ficar exclusivamente responsáveis pelas tarefas do lar e pelo cuidado dos filhos, enquanto os homens têm toda a liberdade para escolher as atividades que desejam exercer, influenciando dessa maneira no acesso a educação e posição no mercado de trabalho (Leite; Alves, 2022).

Atualmente, a mulher tem buscado cada vez mais se preparar para o mercado de trabalho, procurando acessar o ensino superior e dessa forma, alcançar novos patamares em sua jornada profissional. Rosa *et al* (2023, p.1130) cita, de acordo com dados obtidos através da Coordenação do aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES),

As mulheres têm se inserido cada vez mais no mercado de trabalho e nos programas de pós-graduação, representando 54,2% dos discentes de mestrado e doutorado no Brasil. Dentre os contemplados por bolsa de estudo pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), elas somam 58% (2022), demonstrando uma vasta ocupação de mulheres nestes programas.

Nos últimos anos foi percebido um grande avanço na participação feminina no campo científico, notadamente no aumento das mulheres em muitas universidades do país como docentes/pesquisadoras e estudantes de graduação e pós-graduação (Loch; Torres; Costa, 2021).

Mesmo conquistando espaço dentro das universidades, demonstrando que estão capacitadas para atuar em qualquer área, inclusive nas vistas habitualmente como masculinas, muitas universitárias optam por cursos nas áreas humanas, em busca de maior aceitação, tanto no decorrer da jornada acadêmica, como no exercer da profissão, tornando o acesso à universidade, em cursos nessas áreas muitas vezes, a única forma de acesso para que as mulheres possam alcançar o nível superior, e o tão almejado progresso profissional e consequente aumento da renda familiar (Gonçalves; Ternovoe, 2017).

A busca feminina por inserção no mercado de trabalho é longa e se deu entre os anos de 1770 e 1830, com a Revolução Industrial na Inglaterra, nesse processo onde houve a introdução do trabalho feminino, infantil e das máquinas na produção (Couto, 2022).

Já a entrada da mulher no mercado de trabalho formal, se deu com a I e II Guerras Mundiais. Os homens iam para o campo de batalha e as mulheres tinham que assumir as atividades que antes eram exercidas por esses homens. Dessa forma, a incorporação feminina no mercado de trabalho se deu mais por necessidade, do que por direitos conquistados (Pessanha, 2023 *apud*

Leskinen, 2004).

Essa inserção profissional tem sido conquistada através de um histórico de luta e resistência das mulheres. A partir da década de 1970, as mulheres brasileiras passaram a ocupar o mercado de trabalho, assumindo uma nova posição na sociedade (Loch; Torres; Costa, 2021). Antunes e Accorssi (2019, p. 55) explicam que:

Ao longo das décadas, às mulheres tem se inserindo no mercado de trabalho, sobretudo naqueles espaços relativos ao cuidado de outros, em áreas como assistência social, educação e saúde. Tais tarefas estão ligadas diretamente a um imaginário de qual seria o “papel da mulher na sociedade”, configurando-se como “trabalho de mulher”. Tal termo foi e é usado por várias pesquisadoras e estudiosas de gênero e da divisão sexual do trabalho, uma vez que nessas profissões foi possível perceber uma feminização mais clara e mais forte.

No entanto, a entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, não as isenta dos cuidados com a casa e a família, visto que tradicionalmente ainda há divisão sexual das tarefas, mesmo com as mudanças que tem ocorrido. Isto faz com que muitas optem por jornadas de trabalho parciais e mais flexíveis e, com frequência, muitas interrompem temporariamente a vida profissional ou acadêmica. Essa interrupção é prejudicial, pois traz uma desaceleração das atividades, dificultando o retorno das mesmas ao âmbito profissional e acadêmico (Urpia; Sampaio, 2009).

Mesmo ocupando lugares de destaque na sociedade atual e atuando ativamente no mercado de trabalho, estudando e cuidando do lar as mulheres ainda não conseguiram estar em um lugar de igualdade.

Assim, mesmo as mulheres tendo ocupado os espaços públicos, o que vemos é que elas não conseguiram patamar de igualdade, visto que agora compartilham o sustento da família, igualmente ou não, com os homens e seguem responsáveis pelo trabalho reprodutivo. O tempo dedicado pelos homens é sempre maior na esfera pública, enquanto que no trabalho doméstico, na esfera privada, quem dedica mais tempo são as mulheres. Mesmo assim, a elas não é reduzido o tempo de trabalho produtivo, o que só aumenta seu tempo dedicado ao trabalho de modo geral. Soma-se o trabalho produtivo e reprodutivo e, por consequência, diminui suas horas de lazer, formação pessoal, e participação política. Assim, a separação entre casa e trabalho tem servido para justificar as hierarquias nos diferentes espaços (Antunes; Accorssi, 2019, p. 53-54).

O Feminismo é uma das principais referências da luta feminina por direitos iguais. Esse movimento tem quebrado barreiras e permitido que mulheres cada vez mais percorram esses caminhos citados anteriormente, que antes eram considerados impossíveis.

Foi através desse movimento, que as mulheres se uniram e lutaram para adquirir os direitos que já eram concedidos aos homens, conforme relata Menuci (2018, p. 375):

Após anos de indiferença social e desigualdade de gênero, nasce o movimento pelo qual as mulheres se uniram e lutaram pelo crescimento delas próprias, buscando conquistar direitos já atribuídos a outros sujeitos da sociedade, os homens. O

movimento feminista foi o grande momento em que se começou a libertação feminina, novas portas foram abertas para as mulheres e com isso novos obstáculos também surgiram. O início desse movimento ocorreu no final do século XIX quando as mulheres precisavam se igualar minimamente aos homens na sociedade e precisavam para isso lutar pelo direito do sufrágio universal.

O movimento feminista teve seu início nos Estados Unidos e na Europa, tem sua primeira onda no final do século XIX e início do século XX e teve grande influência da Revolução Francesa e das alterações sociais que começaram a acontecer nesta época. Podemos dividir o movimento em dois momentos principais, onde no primeiro, a luta era por direitos básicos de atuação na sociedade, votação e direitos civis e políticos, pois nesse momento não era nem permitido as mulheres emitir opinião se não fosse através de seus maridos, onde esses decidiam os representantes políticos. Ao conquistarem esses direitos as mulheres deram um grande passo em direção a busca por direitos iguais, fortalecendo dessa forma o movimento (Menuci, 2018).

No segundo momento, a busca principal era pelo direito de trabalhar fora do ambiente do lar de forma remunerada, também lutavam pelo direito de estudar e construir uma carreira profissional, o que causou grande rejeição pelo grupo masculino da época, que desejava manter a situação como estava (Menuci, 2018).

No Brasil, esse movimento nasceu nas primeiras décadas do século XX e possuía três vertentes. A primeira, chamada de feminismo “bem-comportado”, era considerada da parte conservadora do movimento e lutava apenas por direitos políticos para que pela igualdade de direitos a sociedade se desenvolvesse de forma mais satisfatória (Menuci, 2018).

A segunda vertente era o oposto, considerada o feminismo mal comportado, lutava por acesso a educação, igualdade, sexualidade, que era algo censurado à época, divórcio e a dominação masculina diante das mulheres. Já a terceira vertente era considerada mais extremista e combatiam as desigualdades de gênero. O movimento feminista contribuiu para significativas evoluções do espaço da mulher no cenário brasileiro (Menuci, 2018).

A história das mulheres expõe o extenso percurso das mulheres para ocuparem o seu espaço e conquistar seu direito de fala perante a sociedade. Ainda há muito a ser buscado e conquistado e elas seguem na batalha diária por esse objetivo, lutando sempre contra as relações de poder e contra o sistema que nivela os gêneros, como o patriarcado (Antunes; Accorsi, 2019).

De acordo com Menuci, o patriarcado é uma forma de dominação feminina, onde os homens são as figuras centrais:

Patriarcado é um sistema de organização social onde um homem comanda as mulheres que estão a sua volta e assim sucessivamente até que todas as mulheres da

sociedade fossem dominadas. Sempre a figura masculina vai reinar, a dominação é aspecto nítido nessa formação e a opressão também é necessária para controlar as mulheres que desejam mudar tal situação. O problema é que esse sistema vigorou por muito tempo e ainda possui resquícios em algumas localidades, fazendo com que a parcela masculina da sociedade acreditasse que seria sempre assim, não aceitando quando alguma mulher se torna independente indo contra as regras do patriarcado (Menuci, 2018, p. 376).

Mesmo após todas essas mudanças continuam sendo as mulheres que, em geral, tomam a frente no planejamento e no gerenciamento da casa e do cotidiano, tentando prever as necessidades de todos/as e se preocupando com a saúde da família” (Souza; Machado, 2021, p. 290).

A jornada tripla vivenciada pelas mulheres não é fácil, porém isso demonstra que as mulheres estão tendo o poder de definir seus papéis sociais e não apenas aceitarem o que é imposto. Ávila e Portes (2012, p. 829) explicam: “Ao mesmo tempo que se percebem como mulheres vítimas, também se impõem como mulheres-sujeitos. São conscientes de suas limitações e desafios, mas se negam a abdicar diante das dificuldades e das oposições”.

A pandemia da covid-19 tornou visível vários problemas sociais, e um deles foi a sobrecarga feminina, que impactou diretamente na produção científica feminina.

Se antes as mulheres, num tempo de uma dita normalidade, já se dividiam entre diversas funções (mães, companheiras, filhas, trabalhadoras, pesquisadoras), em tempos de pandemia vimos diversas notícias de que a produção científica das mulheres foi significativamente afetada (Bittencourt; Castro, 2020, p 61).

Ainda sobre os impactos negativos do isolamento social na produtividade científica feminina, Castro (2021), cita: 1) 40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos científicos, contra 20% dos homens; e 2) 52% das mulheres com filhos não concluíram seus artigos, contra 38% dos homens.

Conforme observamos, a mulher contemporânea ampliou seus papéis na sociedade, conquistando para si muitas outras funções, além das domésticas. Elas atuam nas mais diversas áreas, sendo empreendedoras, ocupando cargos de chefia, inclusive, como representantes de estado.

A luta das mulheres, na busca de reconhecimento de sua colaboração como sujeito importante dentro da sociedade é conhecida. Por questões sociais que foram perpetuadas de geração em geração, as diferenças e desigualdades de gênero causaram grandes discrepâncias entre homens e mulheres no que diz respeito a acesso e oportunidades (Braga, 2017).

2.2 A maternidade e a vida acadêmica e profissional

Maternidade é uma palavra feminina que significa qualidade ou estado de mãe, logo, também relacionada à gravidez.

A gravidez, segundo Fonseca *et al* (2018, p.141):

Corresponde ao período no qual as fêmeas mamíferas gestam o feto e o embrião no útero, momento esse que se inicia na concepção e estende-se até o nascimento do filho. [...]Para além disso, o período gestacional faz parte de uma das possíveis etapas da vida de uma mulher e não se pode ignorar que, socialmente, grande parte da responsabilidade na reprodução humana seja feminina. Esses aspectos se baseiam em fatos biológicos que ocorrem no corpo da mulher – a menstruação, a capacidade de gestar, parir e amamentar – e se integram com a concepção de “natureza feminina.

Nessa fase, a mulher passa por transformações fisiológicas e também por várias transformações a nível de sentimentos e emoções. As mulheres vivenciam a maternidade não somente como um fenômeno biológico, iniciado no momento da concepção e que se estende até o nascimento do filho, mas como um dos papéis mais significativos da vida, conforme regra social e cultural (Fonseca *et al*, 2018).

A maternidade de forma alguma poderia refletir apenas um fenômeno biológico, pois é uma construção social, onde vários sentimentos e ações são envolvidos: o cuidado, o envolvimento afetivo, a sua redescoberta após essa experiência como mulher, profissional, esposa e tantos papéis que são desempenhados na sua trajetória.

No contexto social, as mulheres são direcionadas para serem mães e esse papel já é estimulado desde a infância, quando as meninas ganham bonecas de brinquedo e são ensinadas a cuidar dessas como se fossem seus filhos, como também, nas crianças de famílias com menores condições financeiras é delegada as meninas a função de cuidadoras dos irmãos menores. A partir dessa ideia firma-se o pensamento de que os cuidados com os filhos são de responsabilidade exclusiva das mães (Silveira, 2019).

Essa realidade é diretamente ligada a divisão sexual das atividades familiares, onde a mulher é responsável pela criação dos filhos e cuidados do lar, enquanto o homem é o provedor financeiro (Garcia; Viecili, 2018).

Essa divisão sexual do trabalho gera dificuldades e, nesse contexto, a maternidade se torna uma vivência desagradável para algumas mulheres, conforme cita Dias e Soares (2019):

Na sociedade capitalista, a divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres ficam encarregadas do trabalho reprodutivo (com a casa e a família e cuidado com os idosos, no espaço privado) e os homens do trabalho produtivo (na política e na economia) gera desigualdades. A maternidade nesse contexto acaba sendo experiência angustiante para algumas mulheres, circundadas por aflições, renúncias, carência de tempo para realizar atos básicos como os de higiene, alimentação e recomposição de

sono (Dias; Soares, 2019, p. 70).

Ainda sobre a desigualdade na distribuição das tarefas do lar, para Loch, Torres e Costa (2021, p. 02), esse é um dos fatores que aumentam a dificuldade na conciliação do trabalho e da vida familiar.

Dificuldade em conciliar a vida familiar com a carreira profissional, submetendo-se à dupla jornada de trabalho (profissão e tarefas domésticas), sobrecarregando a mulher. O ingresso no mercado de trabalho revela o mesmo panorama desigual da distribuição das tarefas do lar associada à falta de iniciativas públicas (como creches e escolas em tempo integral), levando muitas mulheres, principalmente às de baixa renda e com baixo nível de escolaridade, a se dividirem entre o mercado de trabalho e a realização dos afazeres domésticos, por não poderem contratar no mercado tais serviços, tendo como produto a “dupla jornada de trabalho feminino”.

A maternidade é um processo natural da vida, visto que constituir uma família é um desejo natural e muitas vezes o sonho de mulheres. Porém, de acordo com Santos e Santos (2011, p. 8), a maternidade também gera conflitos pessoais.

Nos dias atuais, muitas delas vivem em conflito consigo mesmas por terem que escolher entre a maternidade e a carreira, pois o fato de ser mãe, ou melhor, o instinto materno inculca certo remorso e alguma culpa por ter de deixar o filho aos cuidados de outrem, privando-se da satisfação de poder criar e educar o rebento.

Por ser um tema extenso e com várias nuances, a maternidade é vista e sentida de diferentes formas por cada mulher. Muitas tem em si o desejo, desde a infância, de serem mães, outras já não sentem esse mesmo anseio, priorizando focar em questões profissional e acadêmica, dessa forma escolhendo adiar ou até mesmo nunca vivenciar essa experiência da maternidade em suas vidas.

Atualmente, é possível escolher o momento da maternidade de uma maneira mais extensa, com o uso de contraceptivos, reprodução assistida, fertilização e outros métodos disponíveis, porém esses recursos não são acessíveis a todas as mulheres, somente para as de maior poder aquisitivo (Morais, 2023).

É perceptível, ainda, que mesmo em meio a um contexto moderno, a maternidade ainda é supervalorizada, principalmente em meio às próprias mulheres, que ainda sonham em ser mães, e que não tendo condições financeiras para adiar, optam por deixarem suas carreiras em prol de vivenciar a maternidade, visto o que a sociedade impõe como relógio biológico, ou o tempo certo para engravidar, que geralmente, dizem ser antes do período da menopausa. Para estas, a escolha é algo que não pode ser adiado por muito tempo e assim, muitas escolhem ter filhos e vivenciar o momento com estes, adiando ou desistindo de suas vidas profissionais (Morais, 2023, p.22).

Morais (2023, p.23) ainda relata que, mesmo com tantas mudanças na sociedade atual,

Todo o processo da maternidade da gestação até o fim dos dias, é romantizado de maneira exacerbada pela sociedade. Temos que aguentar as dores, o desconforto, as

mudanças hormonais e corporais, as dificuldades financeiras advindas de uma gestação não planejada, dentre outros problemas sem reclamar. Pois, para muitos tudo isso faz parte do tornar-se mãe, a sociedade se importa com o rebento, mas negligencia quem o colocou no mundo. Quando uma mulher engravida cria-se toda uma expectativa em torno do bebê.

A maternidade acarreta mudanças significativas na vida das mulheres, de acordo com Delgado e Miraglia (2021, p. 26) “a maternidade também é condição que sempre aparece nas pesquisas, dados e estatísticas. Ela é apontada pelas mulheres como uma das maiores dificuldades para seguir e progredir na carreira”.

Para Souza e Machado (2021, p. 300), naturalizar a maternidade como o destino para a realização da plenitude feminina é uma afirmação sexista, que se torna aliado a um sistema propício “para a manutenção de uma realidade excludente e sutil no que se refere ao afastamento compulsório das mulheres do mercado de trabalho, acesso dificultado à formação profissional e/ou acadêmica e acúmulo de funções, quando na condição de mães”.

E diante das configurações evidenciadas pela divisão sexual do trabalho, ao entrarem no mercado de trabalho, as mulheres que tem filhos tem que lidar com questões como: quem vai cuidar dos filhos e das atividades do lar. Dessa forma, Guiginski e Wajnman (2019) constataram que “Mulheres com filhos pequenos, que ainda não estão na escola, são as que exibem a maior taxa de desemprego. Isso pode ser efeito de discriminação no mercado de trabalho ou preferência dos empregadores por mulheres com menor carga de responsabilidades familiares e domésticas.”

Guiginski e Wajnman (2019) em seu estudo identificaram que mulheres com “a presença de um filho em idade pré-escolar aumenta em 33,1% a chance de a mulher encontrar-se num trabalho precário e dois filhos nesta faixa etária refletem em chance 78,2% maior de ser observada a precariedade”. Trabalho precário diz respeito aos sub-remunerados,

Definidos como aqueles que recebiam, por hora de trabalho, menos do que o equivalente ao ideal de um salário mínimo para uma jornada de 40 horas semanais, ou seja, menos de R\$ 4,24 por hora de trabalho. Também na situação de trabalho precário encontram-se os ocupados que, simultaneamente, tinham rendimento mensal inferior a dois salários mínimos, não contribuam para a previdência social e não possuíam carteira de trabalho assinada (Guiginski; Wajnman, 2019, p. 7).

Essa situação não é diferente quando se trata da vida acadêmica, pois o ingresso em uma universidade traz vários desafios em diversos aspectos, fazendo com que muitas mães considerem abandonar os estudos.

A opção de parar os estudos e voltar depois que a vida materna estiver estabilizada nem sempre é o que realmente acontece, pois com o tempo, vão surgindo novos

obstáculos e dificuldades que acabam desanimando essas mulheres, a ponto de desistirem definitivamente da trajetória acadêmica (Prates; Gonçalves, 2019).

Os anos da formação profissional em nível superior são marcados por diversas experiências e muitas vezes dificuldades como questões financeiras, a necessidade de conciliar o trabalho com os estudos, não podendo dedicar de forma integral a vida acadêmica, entre outros, corroborado na fala de Silva *et al* (2020, p.42545) “Desse modo, as mulheres que já são mães ou se tornaram mães durante o curso superior fazem parte de um grupo específico de alunos (as) que diariamente enfrentam alguns desafios para alcançarem seus objetivos na instituição formadora”.

Para as estudantes que são mães, a maternidade, por muitas vezes, se torna um obstáculo a mais a ser enfrentado nesse percurso, pois apesar da gestação ser considerada um momento sublime e único na vida de uma mulher, mas é um estágio complicado, onde os sintomas podem ser fatores que as impeçam de estar nas aulas ou realizar atividades.

Os obstáculos enfrentados por mães, segundo Vieira, Souza e Rocha (2019, p. 543-544) “contribuem para um caminho mais cansativo na sua trajetória acadêmica, constituindo-se potenciais fatores de risco à evasão desta mãe e interferindo na qualidade dos estudos e/ou na qualidade da aprendizagem”.

O estudo de Gonçalves e Ternovoe (2017, p. 136), confirma que empecilhos enfrentados por mulheres podem ser fatores decisivos na continuidade ou não do curso superior.

Ao serem questionadas se, em algum momento, as mulheres universitárias haviam pensado em desistir do curso, a maioria disse que sim, alegando problemas pessoais que envolviam trabalho, família e saúde. Tais informações evidenciam que, para haver um bom desempenho acadêmico, a/o estudante de ensino superior precisa estar bem, tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional, visto que uma pode interferir na outra.

As adversidades vividas pelas mães universitárias comprometem diretamente o rendimento acadêmico e o desenvolvimento no curso de graduação, pois a maioria dessas são também donas de casa e trabalham também fora do ambiente doméstico, dada a necessidade de complementar a renda da família, o que causa nessas mulheres uma sobrecarga, que pode afetá-las física e psicologicamente (Morais, 2023).

Dentre as maiores dificuldades na conciliação da maternidade e a vida acadêmica, Pessanha (2023, p.324) cita “cansaço, culpa por deixar as crianças, estresse gerado pela dupla jornada, dificuldade em realizar as tarefas da graduação com a presença da criança e frustração por não dar conta de todas as tarefas demandadas (da graduação e com os filhos)”.

Essa realidade é reforçada devido a ausência de suporte à essas mães, pois conforme Oliveira (2020, p.158) “sabemos que muitas dessas mães-solo, ao viverem a monoparentalidade, acabam tendo muitas dificuldades de seguir trabalhando sem uma rede de apoio, que varia muito a depender das condições socioeconômicas e culturais destas mulheres” sendo, dessa forma, fundamental a existência de uma rede de apoio a essas mães estudantes e profissionais.

2.3 A importância da rede de apoio na permanência universitária

Os maiores desafios para a permanência das mães estudantes na universidade estão relacionados a fatores socioeconômicos, emocionais e também à falta de políticas estudantis.

A rede de apoio é considerada toda ajuda recebida pela mãe como apoio nos cuidados com seus filhos e, conforme Brito *et al* (2021, p.6), “a necessidade da rede de apoio está associada ao planejamento, à organização e à divisão de afazeres que os pais precisam desenvolver para conciliar as questões acadêmicas e pessoais.”

A ausência de uma rede de apoio, impacta diretamente a vida acadêmica, como cita Brito *et al* (2021, p.3), “entretanto destacamos a essencialidade da rede de apoio para permitir o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas”, pois para muitas estudantes, fica a difícil tarefa da escolha de continuar os estudos ou trancar o curso por um período, pelo fato de não haver quem possa cuidar do bebê, geralmente ainda dependente da mãe.

De acordo com Silvestre (2019, p. 43), “Diante de tantos desafios enfrentados neste contexto, é de se esperar que em algum momento estas universitárias mães pensem em desistir, ou pelo menos trancar a graduação por um tempo.”

Para muitas mães discentes, a permanência na universidade, vista como forma de alcance de uma melhora de vida, se torna inviável após a maternidade. As mães acadêmicas, para que não desistam do seu processo de formação, necessitam de um apoio maior nesse período transitório de suas vidas (Prates; Gonçalves, 2019). A universidade também deve ofertar subsídios que auxiliem as mães na continuidade de seus estudos.

A universidade pública carece de ações voltadas ao atendimento de estudantes de graduação com filhos ou filhas, e a mesma postura se observa na falta de atenção às demandas de tais estudantes por suas respectivas unidades acadêmicas, docentes e servidores, que, por vezes, têm se mostrado omissos ou negligentes (Silva; Guedes, 2020, p. 476).

No ano de 2010, o Ministério da Educação passou a apoiar as/os alunas/os carentes

das instituições federais de ensino superior por meio de um novo programa: o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), regulado pelo Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, cuja finalidade é “ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal” (Brasil, 2010).

Como objetivos principais do PNAES estão: democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão na educação superior, reduzir as taxas de retenção e evasão e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação (Brasil, 2010).

As ações do programa são executadas pela instituição de ensino que recebe os recursos federais e deve ainda acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa e prestar contas ao Ministério da Educação. Dentre os propósitos são exigidas ações que atendam as demandas dos negros, dos pobres e das mulheres, dentre as quais, as creches nas universidades (Dias; Soares, 2019).

A Universidade Federal do Ceará, através da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), oferta as estudantes mães em situação de vulnerabilidade socioeconômica, um auxílio creche que, dentro dos critérios da Universidade, é destinado àquelas que possuem renda familiar por pessoa de até um e meio salário mínimo tendo como referência o salário mínimo vigente, incluindo outras questões como problemas de saúde, questões familiares, dificuldade de moradia, de transporte, etc. podem se inscrever.

Em 2024, o auxílio é no valor de duzentos e oitenta e um reais mensais e é necessário que a criança more com o beneficiário do auxílio e tenha entre seis e quarenta e oito meses incompletos. O benefício pode ser renovado, conforme informações constantes no edital. No entanto, o valor é insuficiente para pagamento de uma babá ou mensalidade em creche ou berçário e as vagas ofertadas por semestre são insuficientes comparadas ao quantitativo de alunas que fazem jus ao benefício.

No geral, a rede de apoio mais frequente que as estudantes podem contar é com a ajuda dos familiares para cuidar da criança enquanto estão na universidade, outras por não terem nenhum tipo de apoio familiar e nem condições para terem babás ou qualquer ajuda paga, são obrigadas a assistirem aulas com os filhos (Gomes, 2020).

A ausência dessa rede apoio faz com que o percurso para essas mães sejam repletos de obstáculos.

Dificuldades que conformam não só uma sobrecarga de jornadas, mas, e

principalmente, de cansaço, sofrimentos e constrangimentos para a mãe que não consegue vislumbrar alternativa para seguir em frente com seus estudos, a não ser ter que levar a prole consigo e se limitar a assistir aulas (iniciação científica, projetos de extensões soam como sonhos distantes para a maioria); para a criança, tolhida de movimento, voz, aconchego, em um ambiente que não é adequado para si; para os colegas e corpo docente que, por mais que se esforcem para ser solidários, nem sempre conseguem lidar com crianças em ambientes de adultos (Dias; Soares, 2019, p. 70).

Para Delgado; Miraglia, (2021, p.26) “A situação também foi agravada pelo contexto pandêmico, ainda mais difícil para mulheres com filhos menores que dependem dos seus cuidados ou das redes de apoio desfeitas com o isolamento social”.

A pandemia veio como um desafio a mais a ser enfrentado por essas estudantes, mas de acordo com Brito *et al* (2021, p. 4), “os novos desafios postos em nosso horizonte é criar estratégias de apoio às mães discentes ao retorno presencial, de modo a afirmar ainda mais a ocupação extremamente necessária dessas mulheres nos espaços acadêmicos”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (Gil, 2002, p. 17). Para a realização de uma pesquisa é necessária a utilização de procedimentos metodológicos que auxiliem o pesquisador a responder aos objetivos propostos. Para Marconi e Lakatos (2003, p.83), “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Para Pereira *et al.* (2018, p.27), a metodologia científica quando utilizada para a pesquisa e confirmação de um determinado problema, utilizará uma série de regras que serão executadas na formação de conhecimento cujo propósito é a ciência, concluindo então que “o método científico parte da observação organizada de fatos, da realização de experiências, das deduções lógicas e da comprovação científica dos resultados obtidos”.

A pesquisa proposta se caracteriza como qualitativa, pois tem o intuito de compreender as vivências das discentes do curso de Secretariado Executivo que precisam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica. De acordo com Minayo (2009, p. 21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

De acordo com Gil (2002), as pesquisas são classificadas com base no objetivo geral, sendo assim possível classificar as pesquisas como exploratória, descritivas e explicativas. Este estudo classifica-se como pesquisa de natureza descritiva, pois, têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2002).

A coleta de dados primários foi conduzida com estudantes do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, que também são mães. A técnica adotada foi a entrevista individual semiestruturada, pois de acordo com Gray (2012, p. 302), essa modalidade “permite fazer aprofundamento das visões e das opiniões onde for desejável que os respondentes aprofundem suas respostas”.

Um roteiro foi construído para guiar as entrevistas e para a construção desse roteiro foram utilizadas perguntas que atendessem aos objetivos geral e específicos da pesquisa. O roteiro ficou composto por 19 perguntas, onde as 10 primeiras buscaram identificar o perfil das entrevistadas e nas demais perguntas buscou-se utilizar perguntas que identificassem os problemas enfrentados por essas mães durante a graduação e suas consequências na vida pessoal e profissional e também compreender como lidam com os desafios enfrentados.

Quadro 1 – Roteiro de Entrevista

Perfil das mães trabalhadoras e estudantes de secretariado executivo UFC	1. Idade: 2. Identidade étnico-racial: 3. Estado Civil: 4. Naturalidade: 5. Município em que reside: 6. Composição do Grupo Familiar: 7. Nº de filhos(a): 8. Idade do(s) filho(s): 9. Profissão/ocupação: 10. Renda familiar mensal aproximada: 11. Em qual semestre do curso você se encontra?
Objetivo específico 1: Apresentar o contexto quando do ingresso no curso de secretariado executivo.	12. Como foi para você ingressar no curso de Secretariado Executivo na UFC? 13. Quando ingressou no curso já era mãe? Se sim, conte como foi ingressar na universidade sendo mãe. Se não, como foi tornar-se mãe sendo estudante?
Objetivo específico 2: Entender a rotina de mães trabalhadoras e estudantes de secretariado executivo UFC	14. Como é a sua rotina? Quais as atividades que você desenvolve durante a semana e aos finais de semana?
Objetivo específico 3: Identificar desafios para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo.	15. Qual a sua percepção sobre ser mãe, estudante e profissional? 16. Você enfrentou desafios para conciliar a maternidade com a graduação? Quais? Como os enfrentou? 17. Você considerou, em algum momento, abandonar a graduação, por conta de problemas decorrentes da maternidade? 18. Quais experiências você vivenciou na condição de mãe estudante que destaca como significativas e/ou desafiadoras?
Objetivo específico 4: Identificar estratégias utilizadas para conciliar maternidade, trabalho e estudo.	19. Quais têm sido as suas estratégias na conciliação da maternidade com vida acadêmica e profissional?

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Os sujeitos da pesquisa são as discentes do curso de Secretariado Executivo que são mães e realizam atividade profissional. A partir dessa delimitação, buscou-se, através de visitas às turmas do curso e consulta no grupo do whatsapp mantido pelos estudantes, localizar as alunas que se encaixassem no perfil. Além disso, na coordenação do curso obteve-se uma relação com todos os nomes dos alunos ativos e seus respectivos emails, e foi possível acessar as possíveis entrevistadas.

No primeiro contato com as possíveis participantes, foi relatado o motivo do contato, o tema e os objetivos da pesquisa, os critérios para a participação e convite a participar da pesquisa, caso se encaixasse no perfil.

Foram contactadas, através de emails, 112 alunas ativas no curso de Secretariado Executivo e dessas foram identificadas sete, que se encaixavam no perfil da pesquisa, pois eram mães, estudantes e profissionais. A partir dessa identificação e da confirmação de disponibilidade em participação da pesquisa, as entrevistas foram agendadas via *Whatsapp*, de acordo com a disponibilidade da participante.

Quadro 2 – Entrevistas realizadas

Nome	Data	Tipo	Duração
Entrevistada 1	07/11/23	Presencial	15min 11s
Entrevistada 2	07/11/23	Presencial	16min 19s
Entrevistada 3	10/11/23	Remota	09min 10s
Entrevistada 4	10/11/23	Remota	10min 09s
Entrevistada 5	11/11/23	Remota	17min 05s
Entrevistada 6	27/03/24	Remota	13min 50s
Entrevistada 7	27/03/24	Remota	20min 10s

Fonte: elaborado pela autora (2024).

As sete entrevistas foram realizadas, sendo cinco no mês de novembro de 2023 e duas em março de 2024. O intervalo de tempo decorrido entre as entrevistas aconteceu porque não foi possível, para a pesquisadora, concluir todas as etapas relacionadas à pesquisa em novembro/2023, ficando a coleta de dados incompleta, sendo finalizada em março de 2024.

Foram realizadas duas entrevistas de forma presencial e cinco ocorreram através de chamada de vídeo, utilizando o *Google Meet*. As entrevistas presenciais ocorreram nas dependências da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade, Secretariado Executivo e Finanças – FEAAC, no turno da noite. A primeira foi realizada antes do início das aulas, e a segunda entrevista foi realizada no intervalo das aulas. As demais entrevistas foram realizadas de forma remota por opção e conveniência das entrevistadas. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização das entrevistadas e, posteriormente, transcritas. Trechos das entrevistas são apresentados no próximo capítulo para detalhar as vivências das entrevistadas.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, pois para Câmara (2013, p.182), na análise de conteúdo o pesquisador busca compreender o tema em estudo analisando

os detalhes nas mensagens coletadas onde “O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira”.

Os dados obtidos que foram interpretados de acordo com as técnicas da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2016) compreende as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na pré-análise as informações obtidas são organizadas de forma que o pesquisador tenha conhecimento do material que será estudado. Nessa etapa da análise foram ouvidas atentamente todas as entrevistas, que foram gravadas com autorização dos entrevistados, sendo possível uma melhor análise dos relatos presente nas entrevistas.

Na segunda etapa, a exploração do material foi feita a organização das respostas das entrevistadas utilizando primeiramente o Word, onde os dados foram dispostos em quadros. O tratamento, inferência e interpretação dos resultados deu-se com base nos dados obtidos e no referencial teórico e esses resultados obtidos são apresentados no próximo capítulo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste tópico, são apresentados os dados obtidos referente ao perfil das participantes da pesquisa, a forma de ingresso no curso de Secretariado Executivo, a rotina de mães trabalhadoras e estudantes de Secretariado Executivo, os desafios para conciliar maternidade, trabalho e estudo e as estratégias utilizadas para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo.

4.1 Perfil dos sujeitos: mães, profissionais e estudantes de Secretariado Executivo

Os sete sujeitos dessa pesquisa apresentam características em comum: são mulheres, mães, estudantes e exercem atividade profissional remunerada fora do lar. As idades variam entre 24 e 32 anos. Elas se consideram pardas ou negras e somente uma denomina-se cigana, da etnia Romani, do clã Kalderash. Dentre as participantes, três se declararam solteiras, duas casadas e duas em união estável. Quatro são naturais da cidade de Fortaleza, duas de municípios da Região Metropolitana e uma do município de Santo André, em São Paulo e atualmente residem na cidade de Fortaleza ou em sua Região Metropolitana.

No tocante a composição familiar, foram identificadas duas famílias monoparentais, ou seja, compostas somente pela mãe e a criança, quatro famílias compostas pela mãe, pai e filhos, sendo observada em uma delas a figura do avô materno da criança e uma família composta somente por mãe, filho e avô materno. As mesmas possuem um ou dois filhos, com idades variando entre 02 meses e 12 anos.

Todas as entrevistadas possuem trabalho remunerado, os cargos exercidos são: produtora cultural, estagiária de Secretariado Executivo, administradora, gerente de projetos e desenvolvedora de software, bancária, consultora de gestão e assistente administrativo. A renda familiar varia entre R\$1.700,00 e 12.000,00 reais. Quanto ao semestre em que se encontram no curso no momento da entrevista, uma cursava o 2º semestre, duas cursavam o 4º semestre, duas o 6º semestre e duas citaram estar em semestres irregulares.

4.2 Ingresso no curso de Secretariado Executivo

Esse tópico apresenta o contexto pessoal e familiar em que as entrevistadas viviam quando do ingresso no curso e o que as levou ao ensino superior.

A entrevistada 1 considera que a entrada no curso, em 2021, foi mais fácil, por já

ter tido a experiência de uma outra graduação e também a maturidade de uma escolha mais consciente, dadas as circunstâncias distintas de cada ingresso no ensino superior. Foi levada em consideração também a sua atuação profissional atual, a produção cultural, que para ela tem similaridades com o Secretariado. A época do ingresso no curso, a entrevistada já era mãe de um menino de quase dez anos e por isso considerou que *“já tinha a situação mais controlada, por conta da idade dele”* (Entrevistada 1), o que a deixou menos apreensiva com a nova rotina.

A entrevistada 2, já vinha de uma outra graduação em um outro estado e em uma área totalmente diferente, a Engenharia Florestal Agrônômica e optou por mudar de curso, pois o filho sofria com a distância dos familiares. A mesma abriu mão da área desejada, por não ter nenhum curso semelhante em Fortaleza e escolheu o Secretariado Executivo. A entrevistada considerou que por conta da maternidade, o ingresso na Universidade foi e ainda era muito difícil, pois para conciliar trabalho, com a maternidade, ela precisa passar a semana praticamente sem ver o filho, de apenas cinco anos, vendo apenas a noite e muitas vezes com ele já dormindo.

Porque essa questão sentimental ... pro meu filho, pesou muito pra mim. Eu ficava com muita pena do meu filho chorando pela família. Aí eu vou ter que abandonar o curso que eu quero fazer, que eu gosto, na área que eu gosto, pra poder tentar outro curso que seja uma área que dê certo pra mim, pra poder que de forma que eu consiga ficar perto da família pra não ter tanto sofrimento pra ele (Entrevistada 2, 2024)

A entrevistada 3 ingressou no curso no ano de 2014, onde se engajou em atividades como Centro Acadêmico e viagens para apresentação de trabalhos, porém depois de dois anos, ocorreu um “desencantamento” pelo curso, então optou por mudar para o curso de Administração. A troca de curso gerou sentimento de uma história inacabada e ela, já graduada em Administração, retornou para a universidade em 2023 para concluir o curso de Secretariado. A gestação ocorreu durante a graduação em Secretariado, a época da entrevista, a filha estava com dois meses, e para a entrevistada o fato de ser estudante foi desafiador, mas foi considerado apenas um detalhe diante da realização do sonho da maternidade.

Para a entrevistada 4, a grade curricular do curso, que engloba várias áreas de conhecimento, era o que ela procurava como forma de fundamentar sua carreira para que ela possa realizar o seu desejo de seguir na área da diplomacia, apesar de que, a princípio, houve o desejo de cursar oceanografia, porém, não foi possível conciliar a maternidade com um curso em período integral. Atualmente a filha tem dez anos, mas tinha cinco quando ela ingressou na universidade.

O ingresso em um curso superior foi uma surpresa para a entrevistada 5, pois a mesma vinha de um longo período longe dos estudos. Ao realizar o Exame Nacional do Ensino Médio e obter uma pontuação mínima para concorrer, viu-se encorajada a tentar ingressar na universidade obtendo êxito no curso de Secretariado Executivo, pois segundo ela: *“o que tinha era o Secretariado, porque o de Administração é muito concorrido”*. A entrevistada ao ingressar no curso já era mãe de duas crianças, atualmente com oito e seis anos de idade, e considera que foi bem complicado, pois, após o período inicial de ingresso que coincidiu com a pandemia de COVID 19, o retorno as aulas presenciais dificultou para ela como mãe que estuda e trabalha.

Para a entrevistada 6, a escolha do curso deu-se por conta das disciplinas relacionada à gestão vistas no curso e a afinidade da mesma com a área de consultoria e também, segundo a ela, *“... secretariado puxa um pouco de relações públicas e não vai tanto para o lado financeiro e para o lado jurídico quanto a administração, vai mais para parte de comunicação e organização de dados”*. A entrevistada é mãe de uma criança de dois anos e a gestação ocorreu durante a graduação e durante a pandemia de COVID 19, onde as aulas ocorriam de forma remota. Após o nascimento do bebê, com regime especial, a mesma conseguiu concluir o semestre de forma satisfatória.

A entrevistada 7, relata que iniciou na Universidade de forma “muito intensa”, pois o início do semestre se deu 10 dias após o nascimento de sua filha, dessa forma, ela teve que enfrentar diversos desafios, onde, após ingressar com o pedido de ensino remoto, percebeu que a Universidade ainda não possui uma estrutura adequada para atender esse tipo de demanda das alunas mães. Atualmente é mãe de duas crianças, uma com dois anos e a outra dez meses.

Mas eu vi que a UFC não tinha estrutura nenhuma, pelo menos o curso não tinha estrutura nenhuma para oferecer isso, apesar da pandemia ter sido uma excelente oportunidade para os professores aprenderem, né? Eu basicamente não tive aulas, então eles mandavam textos muito extensos de assuntos que eu nunca tinha visto e trabalhos que eu deveria fazer por conta própria, então foi tipo uma auto formação (Entrevistada 7, 2024).

A partir dos relatos iniciais, podemos identificar diferentes realidades, onde cada uma dessas mães traz para o espaço acadêmico suas vivências, medos e saberes, fazendo da Universidade um ambiente plural. Das setes entrevistadas, somente duas não eram mães ao ingressar no curso e podemos perceber que as entrevistadas enfrentaram situações distintas quanto à experiência da maternidade no ambiente acadêmico, porém nenhuma menos

desafiadora, diante dessa nova realidade de exercer simultaneamente a maternidade e a vida acadêmica.

Na narrativa das entrevistadas podemos ver que a maternidade traz impactos na rotina, sobretudo na vida acadêmica, onde uma das dificuldades mais relatadas é conciliar os estudos, trabalho, com o ser mãe, trazendo para essas estudantes diversos desafios e sacrifícios, sobretudo de longos períodos fora de casa, distante dos filhos.

Quadro 3 - Ingresso no curso de Secretariado Executivo

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	“Então eu acho que a minha vida como mãe já tava mais estruturada, né? O meu filho já não era mais tão pequeno, mas ainda assim é sempre uma coisa nova, uma rotina nova”.
Entrevistada 2	“Foi muito puxado e ainda tem sido, porque eu tenho que conciliar trabalho, estudo e a universidade, que é muito difícil, conciliar os estudos com isso tudo, com a maternidade, desculpa, conciliar tudo com a universidade, porque eu passo a semana sem ver ele praticamente, a gente só se vê de noite. E ele não me vê, né? Eu chego e ele já tá dormindo. A gente se vê mesmo pra gente conversar no final de semana e pela manhã quando eu arrumo ele correndo pra levar pra escola. E ultimamente eu nem tô conseguindo fazer isso, porque eu tô saindo muito cedo e não consigo levar ele pra escola”.
Entrevistada 3	“Não. Se tornar mãe foi um sonho realizado que eu tinha há algum tempo desejando. Então, ser estudante foi só um detalhe a mais, mas é desafiador”.
Entrevistada 4	“Sim, Primeiro foi difícil no sentido da escolha do curso, porque eu queria fazer oceanografia, só que é um curso integral. Para uma pessoa, pra mim como mãe, eu não consigo conciliar maternidade com uma faculdade no período integral”.
Entrevistada 5	“Foi bem complicado. Os dois primeiros semestres foi online, foi no período da pandemia, foi um pouco mais tranquilo, por que era online, não demandava tanto trabalho, tinha os professores meio que entendia mais, não passava tanta atividade, mas no presencial é bem difícil pras mães que trabalham”.
Entrevistada 6	“Não. Na verdade, quando eu engravidei a gente tava na pandemia. Então a minha gestação eu não tive que ficar indo para as aulas, porque as aulas estavam acontecendo de forma online. E aí isso me ajudou”.
Entrevistada 7	“Mas a partir do momento que se tornou presencial, então no segundo semestre que eu fiz presencial, foi muito difícil, porque eu ia para o trabalho passava o dia no trabalho, do trabalho tinha que ir direto para faculdade, né? E a questão mesmo das horas que eu passava longe acabou se tornando muito exaustivo”.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

A conciliação da vida materna com a vida acadêmica em nossa sociedade se torna um grande desafio, pois a responsabilidade de um filho, na maioria das vezes, costuma pesar sobre a mãe. Gomes (2020, p.43) registra essa questão “conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde a responsabilidade sobre os filhos costuma recair sobre as mulheres é um desafio que transcende as questões acadêmicas”.

4.3 A rotina de mães trabalhadoras e estudantes de Secretariado Executivo

Cada uma das sete entrevistadas tem uma rotina bem específica, envolvendo o cuidados dos filhos, a atividade profissional fora do lar e os estudos universitários. O quadro 4 traz trechos transcritos para ilustrar as rotinas.

O dia da entrevistada 1 começa por volta de seis horas da manhã quando ela acorda e se organiza para levar o filho para escola, onde ele estuda em tempo integral. A rotina de trabalho de segunda a sexta, oito às dezoito horas e do trabalho a mesma segue direto para a faculdade, no entanto, para não prejudicar tanto a convivência diária com o filho, opta por deixar um dia livre de aula na semana.

Quadro 4 – Rotina de mães trabalhadoras e estudantes

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	“Eu acordo muito cedo, por volta de 6 horas da manhã... Eu trabalho de 8 às 18 horas, saio do trabalho direto pra FEAAC, que saio daqui às 10h. O que eu costumo fazer enquanto mãe, pra não passar a semana inteira nessa rotina, é normalmente deixar 1 ou 2 dias livres da semana, pra eu conseguir conviver com o meu filho. E eu acho que todas as mães no curso acabam fazendo isso, porque é horrível imaginar que eu vou ver meu filho sábado e domingo... Então no geral, na semana a gente consegue conviver bem pouco”.
Entrevistada 2	“Aí eu tô entrando pela manhã, tô fazendo um integral. Eu trabalho de manhã, de 8h até 5h da tarde e de lá eu venho correndo pra cá. No final de semana, trabalho também, só que eu trabalho em casa, porque além do meu trabalho formal, do meu estágio, eu faço doces. Aí no fim de semana eu faço doce pra vender tanto no decorrer da semana aqui na universidade, eu faço isso também pro bairro”.
Entrevistada 3	“...atualmente por eu tá de licença... Passo o dia em casa e aí é mais me dedicando a minha filha. Porque ela é muito pequenininha... Dois meses, a amamentação é por livre demanda, então tá direto com ela. Tenho as atividades domésticas pra fazer. E aí entre uma e outra, entre um cochilo dela e outro, eu faço as atividades que os professores exigiam. Eu leio um texto, fazer uma prova, fazer uma pesquisa. Eu me dedico mais no fim de semana, que é quando meu esposo tá em casa”.
Entrevistada 4	“Na semana o meu trabalho é muito flexível, eu trabalho home office a maior parte do tempo, só quando precisa deslocar alguma demanda da empresa, mas geralmente é home office, então por isso que eu consigo conciliar muito bem a maternidade. Eu levo e busco minha filha, passo aí o almoço com ela, enfim, eu consigo acompanhar o desenvolvimento dela por trabalhar home office”.
Entrevistada 5	“Eu acordo...de manhã, umas cinco horas, mais ou menos. Aí já levanto elas, já banho as meninas. Aí dou o lanche delas. Seis e meia eu tenho que pegar o ônibus...Pego o ônibus, vou pro Eusébio. Chego lá 9 horas, aí vou trabalhar 9h30, saio de lá, 4 horas, aí vou direto para a FEAAC. Aí eu saio da FEAAC mais ou menos uns 9h40, 9h45, depende do professor”.
Entrevistada 6	“Na semana, pela minha profissão, eu consigo organizar os horários de reunião. É com maior flexibilidade, então eu dou preferência para organizar as reuniões à tarde. De manhã, o meu filho fica integral na escola de manhã até à tarde inteira. E aí eu arrumo ele e deixo na escola, a escola também é perto a gente escolheu uma casa que fosse próximo à escola para facilitar com isso”.
Entrevistada 7	“Eu trabalho de 8h as 5h. E eu trabalho a 12 km de casa, né? Eu moro em um bairro e eu tenho esse deslocamento, então quando eu acordo amanhã, o tempo de ficar com as bebês e arrumar mais velha, de dois anos, que ela vai para escolinha. De lá eu venho para o trabalho”.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

A entrevistada 2, por ser estagiária, trabalha apenas no período da tarde, no entanto por trabalhar em outro município, a mesma sai de casa ainda pela manhã e após o estágio segue direto para universidade, retornando para casa apenas meia noite, devido ao percurso. Aos finais de semana, ela busca ter uma renda extra fazendo doces para vender durante a semana na universidade e no bairro onde mora.

A entrevistada 3, no momento da entrevista, encontrava-se de licença maternidade, dividindo o tempo entre os cuidados com o bebê, com a casa e as atividades da faculdade. Já a entrevistada 4, tem uma rotina de trabalho mais flexível, devido ao trabalho em home office, tendo a oportunidade de acompanhar melhor a filha nas atividades escolares e no desenvolvimento em geral. Aos finais de semana, relata estudar com a filha e terem momentos de diversão.

A entrevistada 5, começa a rotina às cinco da manhã, para deixar as filhas prontas para a escola e estar a caminho do trabalho já às seis e meia, visto que trabalha em outro município. Ao sair do trabalho, segue direto para a universidade, de onde sai por volta de vinte uma e trinta e aos finais de semana aproveita para ficar com as filhas.

A entrevistada 6, devido a profissão de consultora, consegue flexibilizar a rotina e organizar os horários de trabalho de acordo com suas necessidades, dando preferência a atender seus clientes no turno da tarde, deixando a manhã livre para poder levar o filho à creche e preparar os materiais de reunião e materiais de clientes, entre outras atividades de seu interesse. Nos momentos livres, relata aproveitar para viajar ou se dedicar ao filho e ao companheiro.

A entrevistada 7, trabalha de segunda a sexta, de oito às dezessete horas, relatando a distância de 12 km entre sua casa e o trabalho, após levar a filha mais velha para a escola, segue para o trabalho, e por ter uma filha que ainda era amamentada não conseguia estar todos os dias na universidade. No final de semana aproveitava para estar com a família e se dedicar as atividades da igreja. Destacando ainda nesse contexto que a entrevistada, no momento, encontrava-se com o curso trancado

De acordo com as informações obtidas, entende-se que a rotina dessas mães estudantes é dividida entre os cuidados com o lar e/ou os filhos, o trabalho remunerado e as atividades acadêmicas. Essa tripla jornada de trabalho remunerado, estudo, afazeres domésticos e cuidado com os filhos, consomem muito tempo e causam uma sobrecarga nessas mulheres.

Quatro delas relataram trabalhar em tempo integral e, dentre essas, três relataram que, após o trabalho, seguem direto para a universidade para as aulas, ficando muitas horas distantes de seus lares. Podemos observar que a flexibilização do trabalho *home office* permite

que as mães possam compartilhar e acompanhar de perto a rotina e o desenvolvimento dos filhos. Dentre os desafios apresentados na rotina dessas mulheres observamos a necessidade de buscar atividades extras para garantir uma melhor remuneração, a realização de várias tarefas simultaneamente, distância no deslocamento para o trabalho, entre outros.

4.4 Desafios em conciliar maternidade, trabalho e estudo

Para identificar os desafios vivenciados pelas mães estudantes e trabalhadoras, uma das indagações nas entrevistas foi quanto a percepção sobre o ser mãe, estudante e profissional ao mesmo tempo. O quadro 5 traz esse relato.

Quadro 5 - Percepção sobre ser mãe, estudante e profissional

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	“Eu não recomendo pra ninguém. Eu acho adoeecedor. Eu vivo com o constante sentimento de que eu não consigo dar conta de nada. Entende? É um sentimento o tempo inteiro de cansaço, de fazer escolhas, de tá no limite das faltas na universidade”.
Entrevistada 2	“A minha percepção é assim, que é complicado conciliar isso tudo, é muito complicado, mas como é uma questão de necessidade, eu tô tentando dar o melhor em ambas as partes. Não estou dando 100%, porque é impossível fazer todas as três coisas com magnitude. Eu dou o meu melhor no trabalho. Faço o que eu consigo na faculdade... Eu não consigo conciliar tudo, mas tô dando jeito, me rebolando, tentando fazer o intermediário de cada”.
Entrevistada 3	“É um desafio, né? Porque ser mãe, estudante, ser profissional, ser mulher, e vem ser a dona de casa, é fazer todas aquelas atividades extras... E assim, é desafiador. Porque tudo te exige”.
Entrevistada 4	“Foi muito difícil ... Se ela fosse um pouco mais velha, lá pra adolescência, eu acho que seria menos doloroso, mas na época, quando era pequenininha, era difícil até mesmo ir acompanhar na escola”.
Entrevistada 5	“Desafiador.... Todo semestre... eu penso em desistir...isso não é para mim não”!
Entrevistada 6	“Eu acho que hoje em dia as pessoas até tentam mostrar, através de publicidade, de campanha e afins que tem que ter uma valorização das mães, das mulheres, mas que na prática, isso é um pouco mais complicado de acontecer, porque muitas vezes o bebê tá doente e não quer ficar nem com pai. Só quer ficar com a mãe... Então as pessoas pregam que que tem que existir uma compreensão, mas na prática isso não acontece e na faculdade é a mesma coisa. Já aconteceu de eu precisar faltar para ficar com meu filho. Só que tem o limite de faltas e você ficar com filho não justifica”.
Entrevistada 7	“...Apesar de ser muito intenso... O tempo se torna menor, porque a gente tem muitas coisas para fazer... E precisa equilibrar as prioridades e dentro dessa prioridade, eu acho, que os filhos, eles acabam sendo o que a gente quer fazer. O tempo que eu queria era com elas, no caso, mas uma coisa que eu senti também é que a responsabilidade que isso traz me torna capaz, sabe eu me sinto assim mais capaz hoje do que antes. Eu me sinto mais capaz de conseguir executar tarefas no meu trabalho, executar tarefas na faculdade...para mim é um paradoxo: que eu me sinto capaz, mas ao mesmo tempo vejo que, às vezes, não é a prioridade. Porque eu tenho tantas demandas e tão pouco tempo livre, tão pouca energia sobrando, que eu preciso direcionar...”

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Os relatos confirmam o quão desafiadora é a experiência do triplo papel dessas mulheres. As mesmas apresentam sentimentos de incapacidade por não darem conta de todas tarefas de forma satisfatória, a vontade de desistir por achar que não é possível conciliar todas as atividades, a preocupação por ao exercerem esses vários papéis por vezes sobrepõem um ao outro, mas mesmo assim elas usam a maternidade como uma força incentivadora para que possam conquistar os seus objetivos.

As mulheres entrevistadas enfrentaram vários desafios para conciliar a maternidade com a graduação. Alguns são compartilhados no quadro 6.

Quadro 6 – Desafios para conciliar a maternidade, atividade profissional e estudos

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	“Todos os dias. O tempo inteiro, desde professores que não têm essa sensibilidade, professores altamente legalistas..., mas que não têm essa sensibilidade que acham que a gente tem que dar conta, porque se os outros dão, a gente tem que dar, mas eles não entendem que assim, pra um menino que saiu do ensino médio, entrou nisso aqui, trabalha, vem pra cá à noite, depois vai pra casa jogar videogame, é muito fácil”.
Entrevistada 2	“Eu enfrentei muitos desafios, porque para começar tem a questão do traslado... Teve mais outros milhões de desafios. Teve a questão de meu filho está doente e o que eu vou fazer pra ir pra universidade? Como eu vou trabalhar? O que eu vou fazer? Aí isso pega muito”.
Entrevistada 3	“O maior desafio... é a questão do diálogo com os professores, porque como eu não tô indo presencialmente, é tudo por e-mail e tem a questão da demora, da comunicação... o maior desafio acredito que seria esse a comunicação entre os professores com a minha situação”.
Entrevistada 4	“A maior dificuldade que eu passei foi realmente com ela assim muito pequenininha e a dedicação total a faculdade...No período da pandemia, home office, então foi bem mais tranquilo lidar ali com a maternidade, mas no período presencial realmente era muito difícil... principalmente quando eu falo, quando tem algum compromisso do colégio, reunião dos pais, que geralmente é na semana, conciliar o trabalho ou ir para a faculdade, por ser presencial e longe da minha casa. Então eu tinha que escolher qual que iria ser sacrificado. Infelizmente, o que foi sacrificado foi com a vivência mesmo de minha filha”.
Entrevistada 5	“Meu principal desafio é a convivência com a minha família, que ficou muito limitada, ficou muito corrido, eu não tenho tempo para nada, porque quando eu não estou trabalhando, eu estou fazendo trabalho para a faculdade. Eu estou fazendo trabalho, eu estou ocupada, sempre, mãe, vamos brincar? Não, não posso. Agora não, não dá. E é muito desafiador para quem é mãe e trabalha. É mãe, dona de casa, estudante, profissional”.
Entrevistada 6	“Eu acho que foi mais a questão de Assiduidade mesmo. Eu tive muita dificuldade, eu já tinha, eu já tenho alguns problemas de ansiedade, de gastrite nervosa e aí eu ficava doente por causa disso, de Problemas meus com o bebê e com a carga de todas as atividades. Não é que piorava, mas que acontecia com mais frequência...Mas acaba que não as coisas não se conciliam, você tem oito faltas para um semestre e a criança não fica doente, só oito vezes no semestre”.
Entrevistada 7	“Um dos desafios é a questão das horas que eu passo fora, porque no momento de vida que eu estou, eu não apenas estudo, mas tem o trabalho também, então conciliar o tempo que passo fora de casa, em relação ao trabalho, faculdade e estar em casa. Então essa carga horária de tempo que eu fico fora considerando também o deslocamento, como eu não tenho um transporte próprio então eu acabo demorando também nesse deslocamento

Fonte: dados da pesquisa (2024).

A entrevistada 1, cita que os desafios na conciliação da maternidade com a graduação são constantes, dentre os citados ela destaca a postura dos professores, que ao seu

ver, não compreendem as diferentes situações vivenciadas pelas mães que precisam conciliar suas jornadas de trabalho e estudos com os demais alunos que podem se dedicar somente a universidade, como fala Gomes (2020, p. 45) “E ainda, por uma responsabilidade além do que diz respeito à vida acadêmica, se sentem prejudicadas diante dos demais alunos que, frequentemente, tem a universidade como principal ocupação”.

Para a entrevistada 3, que estava em regime especial devido ao nascimento do bebê, o maior desafio para conciliar a maternidade com a graduação naquele momento era a comunicação com os professores, por não estar indo presencialmente, sentia dificuldades na comunicação via email.

Em comum nos relatos das entrevistadas, vimos problemas relacionados ao tempo fora de casa, seja pelo traslado entre a universidade/casa/trabalho ou outros motivos, o que atrapalha a realização das demais atividades ou faz com que muitas vezes a escolha seja sacrificar tempo de convivência com os filhos e com a família e que mesmo quando estão presentes em casa, não podem desfrutar desses momentos pela necessidade de priorizar as atividades acadêmicas.

No relato da entrevistada 6, é possível confirmar o que citam Gonçalves e Ternove (2017, p. 136) que “para haver um bom desempenho acadêmico, a/o estudante de ensino superior precisa estar bem, tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional, visto que uma pode interferir na outra”, onde a mesma cita a questão do adoecimento emocional ocasionado devido a grande carga de atividades a serem realizadas.

Também foi questionado sobre possível abandono dos estudos em decorrência da maternidade, cujos dados obtidos estão dispostos no quadro 7.

Quadro 7 – Maternidade e abandono dos estudos

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	Eu acho que abandonar não, eu acho que o que me mantém aqui ainda é isso... O diploma não vai fazer tanta diferença na minha vida, não vou ganhar mais no meu emprego, nem vou ganhar menos, nem vou ser demitida se eu não me formar, não vai acontecer nada. É porque no âmbito em que eu trabalho não necessariamente se exija um diploma, mas pros meus planos futuros, do quanto eu quero ganhar, da estrutura de vida que eu quero garantir pro meu filho, eu preciso dele.
Entrevistada 2	Sempre acontece alguma coisa que se tem a vontade de desistir. Por exemplo, agora eu tive vontade de sair do trabalho porque eu não tinha mais quem ficasse com meu filho. Porque assim, não dá pra confiar em qualquer pessoa... aí aconteceu que eu não conseguia mais achar ninguém pra ficar com ele, porque é muito difícil, por mais que pague bem, é muito difícil de achar alguém que cuide de criança bem e que você confie. Aí eu não tava achando quem ficasse com ele, eu fiquei desesperada. Pensei seriamente em trancar e alguma coisa, cancelar meu estágio. Foi bem complicado.

Entrevistada 3	Abandonar não, mas eu estou pensando em trancar no próximo semestre. Porque esse semestre eu tô nessa demanda especial, mas no próximo semestre eu não vou ter mais. Eu vou ter que ir presencialmente. E aí eu não sei como é que vai ser, porque o bebê ainda vai ser muito novinho.
Entrevistada 4	Não. Nem um momento.
Entrevistada 5	Sim. Todo semestre, eu fico isso não é pra mim. Todo semestre eu fico, vou desistir. Não dá, eu não aguento mais.
Entrevistada 6	Já, várias vezes. Eu acho que eu só terminei porque tava muito perto. Quando o meu bebê nasceu faltava um ano para eu terminar. E aí eu nem consegui terminar nesse um ano, terminei em um ano e meio, porque teve um semestre que eu reprovei todas as disciplinas por causa de falta, que foi o primeiro semestre que ele foi para a creche e ficava muito doente. Então várias vezes eu pensei em abandonar.
Entrevistada 7	Pronto, sim, eu não diria exatamente por causa da maternidade em si, mas por causa desses pontos né? Que como você falou são decorrentes, né? Até de realmente abandonar o curso transferir para alguma faculdade à distância que talvez me servisse da mesma forma, com conteúdos assim. Isso o que realmente me faz pensar é o diploma, né o peso do nome da UFC.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Conforme relato do quadro 7, quatro entrevistadas já pensaram em abandonar os estudos e três negaram essa possibilidade, inclusive uma cita que acredita que o filho é o que a mantém na Universidade, o desejo de conseguir, com a conclusão do curso, conquistar uma estrutura de vida melhor para ele. Confirmando o que foi citado por Souza *et al.* (2023, p. 18941) “as estudantes mães veem a graduação não como um simples diploma, e sim como uma oportunidade para obter uma melhor qualidade de vida”.

O fato da maioria das entrevistadas ter desejado abandonar os estudos demonstra a dificuldade na conciliação da maternidade com a formação profissional na graduação, devido as responsabilidades da maternidade e as dificuldades das demandas do ensino superior.

Ainda foi interrogado sobre as experiências vivenciadas como mães estudantes que consideraram mais marcantes ou desafiadoras e as respostas (Quadro 8) demonstram que os desafios são inúmeros.

Quadro 8 - Experiências significativas/desafiadoras de mães estudantes

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	Aqui na UFC foi mais um período em que meu filho ficou muito doente, teve um problema intestinal, quase passou por um processo cirúrgico que foi semestre passado... no começo do ano ele teve uma crise depressiva muito forte, eu precisei paralisar algumas coisas da minha vida pra dar atenção pra ele, pra entrar com medicação psiquiátrica, acompanhamento psiquiátrico, psicólogo e a coisa toda. Os atestados dele não eram válidos na UFC. Eu tentei apresentar um atestado meu, de que eu não tava bem psicologicamente, para trancar o semestre, para poder cuidar dessa especificidade minha, familiar. Não foi aceito meu regime especial, reprovei as três disciplinas que eu tava fazendo no semestre por falta e quando eu fui me matricular esse semestre, eu fui surpreendida com um termo de compromisso, com a minha matrícula no SIGAA bloqueada. E eu precisando assinar um termo de compromisso de que eu não reprovaria mais por falta, quando na verdade foi uma situação atípica em que o meu filho estava em

	sofrimento e que a universidade pouco se importa. Eu sou só um número, 50xx06, minha matrícula e é igual pra todo mundo...eu precisava dar esse suporte a ele. Eu também não estava bem na minha cabeça para seguir um semestre forçado, sem aprender nada, não sei qual prazer que a universidade tem em querer me obrigar a estar aqui naquelas condições.
Entrevistada 2	A maternidade. A própria maternidade foi o que me fez ver: agora você vai ter que estudar! Você tem que ser alguém na vida! Você tem um filho... Por mais que seja complicado, seja muito duro, assim, passar esse tempo muito, muito longe dele na faixa etária dele, é no momento que ele mais precisa de uma mãe. Estudando pode ser que eu consiga fazer o melhor, consiga flexibilizar o tempo no futuro e que seja melhor pra ele. Por mais que agora você chegue a faltar todo aquele desfalque na educação dele, eu estou faltando muito com ele, mas daqui a pouco eu vou conseguir suprir isso da melhor forma.
Entrevistada 3	Acho que até agora eu não tive essa experiência não
Entrevistada 4	Acho que foi no período, acho que foi umas duas ou três vezes que eu tive que levar ela na faculdade pra assistir aula à tarde. Não foi duas vezes, eu realmente tive que fazer isso. Não tive nenhum problema, mas quando eu tive cadeira à tarde. Eu escolhi fazer logo uma cadeira à tarde. E durante 2, 3 vezes eu tive que levar ela. Então, é... Esse foi a complicação maior que pode dizer de ter que levar ela para um ambiente totalmente adulto.
Entrevistada 5	É, é uma disciplina. Eu esqueci o nome, né? Não lembro aí, pelo amor de Deus. A gente tem que fazer muito artigo. É de metodologia. Meu Deus do céu. Que tem que ter regras, não que os outros não tenha, mas é regras por cima de regras, da ABNT... Eu senti bastante dificuldade nessa disciplina
Entrevistada 6	Eu acho que foi mais, na verdade o TCC, né? Porque o TCC é desafiador para todo mundo. E aí você tem que conciliar e na época que eu tava fazendo TCC, no semestre passado, eu tava com muitos contratos de Projetos diferentes. Então tinha o TCC, tinha casa, tinha filho, tinha o trabalho e aí acabava atribuindo tudo.
Entrevistada 7	Então, eu vejo assim esses três principais desafios: a questão do Enem, a questão do primeiro semestre a distância com a bebezinha recém-nascida e hoje, né, com duas como que eu preciso tomar essas decisões assim que envolvem muitos pontos, prós e contras, né? E eu vejo esses três principais desafios assim que eu vivi até agora.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

A entrevistada 1 expôs uma situação delicada de saúde do seu filho e a mesma sentiu que a universidade não demonstrou qualquer solução para que ela pudesse se ausentar naquele determinado semestre para cuidar do filho, sem prejuízos no andamento da graduação. Para essa mãe, a universidade a enxerga apenas como um número dentre os demais, fala que ratifica o que cita Gomes (2020, p. 50): “a universidade, segundo as mães estudantes, se posiciona de forma apática frente às suas necessidades e especificidades”.

Para a entrevistada 2, a maternidade em si, representou a maior situação significativa, pois foi o despertar necessário para que essa mãe tentasse levar os estudos como algo que poderia ser um divisor de águas na vida dela e do filho. O relato da entrevistada 4, demonstra a necessidade de levar a criança para a universidade, por aquele determinado momento, ser a única opção para que a mãe pudesse estar presente na sala de aula, ainda, como a mãe mesmo cita, um ambiente adulto e embora a criança tenha sido bem recebida na experiência relatada, a própria mãe reconhece que não era o ambiente adequado.

A entrevistada 3, relata não ter tido nenhuma experiência mais significativa ou desafiadora, pois era mãe de uma bebê de poucos meses. No entanto, para a entrevistada 7, com

experiência semelhante, essa situação foi sim muito significativa, como também ter enfrentado o Enem já no final da gestação e, atualmente, suas dúvidas sobre permanecer ou não na universidade com dois filhos ainda pequenos.

Também foram relatadas dificuldades em disciplinas específicas como: Metodologia do Trabalho Científico e Monografia, pois são vistas como disciplinas mais complexas e que possuem um nível maior de leituras e tempo no desenvolvimentos das atividades e, naquele momento, deviam ser conciliadas com as outras das muitas atividades exercidas por essas mães no dia a dia.

4.5 Estratégias utilizadas para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo

Outro objetivo desta pesquisa foi entender estratégias que são utilizadas por essas mulheres para conseguirem conciliar a rotina profissional e acadêmica com o cuidado dos filhos. As falas (quadro 8) revelam o “malabarismo” que elas fazem para conseguir seguir adiante, o que ressalta a disposição e determinação dessas mulheres no desempenho de suas múltiplas funções.

Quadro 9 – Estratégias usadas para conciliar maternidade com vida acadêmica e profissional

Entrevistada	Relato
Entrevistada 1	“normalmente eu faço muitas atividades da faculdade durante o meu expediente de trabalho, o que não é nada ético, mas é o que tem que ser feito, por que no final de semana eu tenho toda uma rotina de mãe, de dona de casa...mas as estratégias que eu uso são essas é um cálculo diário da quantidade de faltas”.
Entrevistada 2	“As minhas estratégias eu tô tentando é fazer meu papel de mãe no final de semana... quando eu chego eu tento levar alguma coisa pra ele, pra ele comer no outro dia, pra ele brincar, tô sempre dando alguma coisa pra ele. Não é mimando, mas é tentando dar alguma coisa pra suprir aquela necessidade de eu tá lá. Na faculdade, eu tô indo do jeito que dá, ah, não vou dizer que tô me dedicando 100%, não tô nem um pouco. Tô indo do jeito que dá, aqui, acolá eu vejo um conteúdo rapidão, tem uma prova aqui, eu vou do jeito que dá e o trabalho... o único lugar que eu tô conseguindo me dedicar quase 100% é o trabalho, porque eu tô dando tudo de mim. E trabalhar é uma coisa muito importante, porque acima de tudo, como profissional, eu necessito muito daquele trabalho”.
Entrevistada 3	“A minha estratégia seria ao fim de semana, quando o meu esposo tá em casa que aí ele fica com a bebê enquanto ela tá dormindo ou brincando com ela, que aí eu me dedico nas atividades”.
Entrevistada 4	“Eu tinha que estudar até 1 ou 2 horas da manhã, acordar muito cedo para arrumar ela pro colégio. Então assim, não é nem conciliar, é fazer o que tem que ser feito. Eu não ia deixar a faculdade, não ia deixar minha filha, não ia deixar o trabalho. Então, vai empurrando mesmo...Não foi nem adaptando, foi sobrevivência mesmo. Foi levando, é o jeito”.
Entrevistada 5	“A estratégia é tipo que eu pego o meu horário de intervalo, eu tenho 15 minutos de intervalo do trabalho. Eu fico sem almoçar, às vezes, quando eu tenho que fazer algum trabalho. Fico sem almoçar para poder sair mais cedo, para mim ficar lá estudando, entendeu? ... Eu conto muito com o apoio da (filha) mais velha, porque ela me ajuda bastante”.
Entrevistada 6	“Eu sempre tive a organização de fazer algumas coisas à noite, o meu bebê ele dorme cedo...e também a questão da rede de apoio, né? Eu tenho uma rede de apoio absurdamente

	grande, tem minhas tias, tem minha sogra, tem meu sogro, tem a minha avó, então todo mundo ajuda”.
Entrevistada 7	Eu acredito que contar com a rede de apoio. Tanto a familiar, como também a do próprio Estado né? Então a minha bebê de 2 anos, ela começou já ir para escolinha...Então realmente preciso ter estratégias, de ter com alguém que possa me cobrir nesse momento. E estratégia de ter uma rotina com elas. Então elas têm horários horários para dormir cedo, horário de rituais, rotinas que a gente vai fazendo, que não são simples, que custam, mas no final é o que ajuda, né? É o que possibilita que eu consiga estar numa aula. conseguindo que elas sigam ... a rotina de sono.

Fonte: dados da pesquisa (2024).

As entrevistadas relataram utilizar o final de semana para cuidar das atividades domésticas, visto que na semana, ainda tinham as atividades no trabalho remunerado e as aulas na faculdade, como também, por nesses dias poderem contar com a presença do marido/companheiro para dividir os cuidados dos filhos. Abdicar de horas de sono, horário de almoço também estão entre as estratégias que as estudantes utilizam, especialmente para conseguir dar conta das atividades acadêmicas.

Os relatos corroboram o entendimento de Àvila e Portes (2012, p. 816) “O tempo “livre” é utilizado para dar conta de toda uma gama de ocupações dedicadas ao trabalho doméstico ou escolar”. Os autores ainda reforçam que para que seja possível a conciliação entre essa tríplice jornada que as mulheres desenvolvem, é necessário o planejamento e o uso racional do tempo, algo que foi percebido nos relatos.

A rede apoio também foi citada como uma estratégia utilizada por essas estudantes mães. Geralmente essa rede de apoio é composta por familiares como: mães, tias, sogras e esse apoio muitas vezes é o que torna possível a presença dessas mães em sala de aula e principalmente focadas naquele momento, sabendo que os filhos estão em segurança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo mapear as vivências de discentes do curso de Secretariado Executivo que precisam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica. Foram definidos quatro objetivos específicos e realizadas entrevista com sete estudantes de Secretariado Executivo que são mães e realizam atividade remunerada fora do lar.

O primeiro objetivo específico buscou apresentar o contexto pessoal quando do ingresso no curso de secretariado executivo. Foi levantado o histórico referente ao ingresso do curso em que se identificaram situações distintas quanto à experiência da maternidade no ambiente acadêmico, todas desafiadoras para conciliar o triplo papel. Das sete entrevistadas cinco já era mães quando iniciaram os estudos acadêmicos.

No segundo objetivo específico – entender a rotina de mães trabalhadoras e estudantes de secretariado executivo UFC – foram relatadas as principais atividades e preocupações que absorvem essas mães no dia a dia de trabalho, como também aos finais de semana. As mulheres que precisam exercer a maternidade, atividades laborais e ao mesmo tempo estudar, convivem com a sobrecarga de afazeres e preocupações, sendo a conciliação dos três papéis um enorme desafio para todas.

O terceiro objetivo específico teve como propósito identificar desafios para conciliar a maternidade e o trabalho com o estudo e os resultados obtidos mostraram o cansaço pela rotina intensa, a sensação de incapacidade, a frustração diante da tripla jornada vivenciada, o sacrifício de momentos em família. Mesmo diante desses obstáculos, percebeu-se que os filhos se tornam a motivação dessas mães para a permanência no ensino superior.

No quarto objetivo específico – identificar estratégias utilizadas para conciliar maternidade, trabalho e estudo - foi constatado que as adversidades são reais no dia a dia dessas mulheres, mas que mesmo com todas as dificuldades elas buscam estratégias, como abdicar de horas de sono, horário de almoço, tempo em família ou contar com uma rede de apoio, para se manterem firmes em seu percurso acadêmico, tendo como motivação, além da realização pessoal e profissional, o desejo de oferecerem melhores condições de vida para os filhos, através da conclusão do ensino superior.

A compreensão das vivências das discentes do curso de Secretariado Executivo que buscam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica foi uma experiência rica, uma vez que a autora se insere nesse contexto de mãe universitária e trabalhadora e que busca com a conclusão do ensino superior oferecer um futuro melhor à filha. As principais dificuldades

das estudantes mães do curso de Secretariado Executivo estão relacionadas às responsabilidades que elas acumulam e vivenciam no seu cotidiano.

Dentro dessa pesquisa sobre a maternidade, foi possível identificar os desafios e estratégias utilizados por outras mães para manterem a tripla jornada a qual estão inseridas e para esse intuito foi relevante citar o feminismo e a importância desse movimento ao longo dos anos na luta das mulheres, na conquista de seu espaço e construção de suas carreiras profissionais. Dentro desse contexto, cada vez mais elas buscam ingressar no ensino superior, como forma de qualificação profissional, citando especialmente o Secretariado Executivo, um curso, majoritariamente, composto por mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. N.; IWAMOTO, H. M. Conciliação maternidade e trabalho: um estudo com alunas e servidoras da Universidade Federal do Tocantins. **Revista GÊNERO**. v.20, n.1, p. 212-236. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/38499>

ANTUNES, Lauren; ACCORSSI, Aline. Relações de gênero e a feminização da profissão docente: reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. **RECC**, Canoas, v. 24, n. 3, 49-60, nov. 2019.

ÁVILA; R.C. PORTES, E.A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas**. v.3, n. 20, p. 809-832. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5dt5spzRWMYjrrRVB4dcsmj/abstract/?lang=pt>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENASSIL, C. B. P.; UBINSKI, J. A. da Silva; MALACARNE, V. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho e o seu Predomínio no Magistério. **Revista Contrapontos**. v. 16, n. 2, p. 244-263. 2016. Disponível em:

BITTENCOURT, Bethania; CASTRO, Marcela Moraes de; Atravessamentos na pandemia: relatos maternos sobre moradia, escola e pesquisa. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1 (Sup.): Ensinar e aprender no cenário de pandemia, dez., 2020.

BRAGA, Bruna da Silva. **Igualdade de gênero e espaço para a mulher no mercado: panorama profissional da secretária executiva em exercício**. 2017. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Secretariado Executivo), Universidade Federal do Ceará.

BRASIL. **Decreto nº 7234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul. 2010.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021 / IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 12, 26 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_notas_tecnicas.pdf

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior de 2020: Principais resultados. Tabelas de divulgação. Tabela 2.05**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/tabelas_de_divulgacao_censo_da_educacao_superior_2020.pdf Acesso em 30 mar.2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2020: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_e_statisticas_censo_da_educacao_superior_2020.pdf Acesso em: 30 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm.

BRITO, Q. H. F.; AVENA, K. de M.; PORTILHO, E. M.L.; PEREIRA, M.A; QUINTANILHA, L.F. Maternidade, Paternidade e Vida Acadêmica: Impactos e Percepções de Mães e Pais Estudantes de Medicina." **Revista Brasileira De Educação Médica**. v. 45, n. 4, p. 01-07, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/JPnBDFS6mrh7fkTdC3tGSqr/?lang=pt>

BRITO; Bruna Pinto Martins , TAVARES; Fabiana Teixeira Ramos , COSTA; Renata Silva , HOSKEN; Safira Linhares , REIS; Marcelly Ferreira Costalonga Patrocinio dos , QUINTINO; Raphaela Gomes , BRAZ; Raphaela Nochelli , DINATO; Talita Sant’Ana Dinato , GAMA; Karina dos Santos. Mães na rede: possibilidades de apoio às mães discentes em situações de vulnerabilidade em uma extensão universitária. **III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência**. 2021.

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.** [online]. 2013, vol.6, n.2, pp.179-191. ISSN 1983-8220.

CARVALHO, R. O. Sociedade, Mulher e Profissão. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 27–44, 2016. DOI: 10.7769/gesec.v7i1.396. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/396>. Acesso em: 01 set. 2023

CASTRO, Marcela. Covid-19 e trabalho de mulheres-mães-pesquisadoras:impasses em “terra estrangeira”. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v.27(2021), e-ISSN1981-0431, pp.1-18, 2021.

COUTO, Angélica da Veiga. **Maternidade e vida acadêmica**: a luta pela permanência de estudantes mulheres na universidade pública. 2022. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Humanidades e Saúde, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/30008>. Acesso em: 07/09/2023

CUSTÓDIO, M. A. C.; SILVA, D. P. da. Trajetória de vida acadêmica de mulheres maranhenses: um estudo do processo de acesso e permanência no Curso de Pedagogia. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/29628>. Acesso em: 01 set. 2023.

DELGADO, G. N.; MIRAGLIA, L. M. M. Casulos de vidro das trabalhadoras em home office. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**. v. 24, n.47, p. 21-34, 2021. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Direito/article/view/26136>

DIAS, M. de J. S.; SOARES, B. V. P. Assistência Estudantil X Creches nas Universidades Públicas: desafios para mães-estudantes. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. p.50–74, 2019. DOI: 10.18764/2358-4319.v12n2p50-74. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/11481>. Acesso em: 20 out. 2023.

FONSECA, Marina Nogueira de Assis et al. Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 141-155, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000200009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 20 set. 2023.

GARCIA, Carla Fernandes, VIECILI, Juliane. Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 30 – n. 2, p. 271-280, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/4zVSP8j3SKn9Rf9TtNvzWzn/abstract/?lang=pt#>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002

GUIGINSKI, J.; WAJNMAN, S. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 36, p. 1–26, 2019. DOI: 10.20947/s0102-3098a0090. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/1418>. Acesso em: 01 out. 2023.

GOMES, L. L. B. **Mulher, mãe e universitária**: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. Trabalho de Conclusão de Curso. 2020. Universidade Federal da Paraíba.

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaina dos Santos. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 116-142, 2017.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Penso, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

LEITE, Ana Cecília Figueirêdo, ALVES, Francione Charapa. Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2022.

LOCH, Rayane Monique Bernardes; TORRES, Kelly Beatriz Vieira; COSTA, Carolina Reciate. “Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021.

MENUCCI, J. M. Uma História do Feminismo no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/37855>. Acesso em: 22 out. 2023.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28ª edição. Petropolis: Vozes, 2009.

MORAIS, A. E. D. DE. **Pedagogia da maternagem: narrativas das mães universitárias do curso de pedagogia da UFC, no período de gestação e puerpério**. 2023. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/72770>

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar

maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 154-166, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria - RS: UFSM, 2018. E-book (119 p.). ISBN 978-85-8341-204-5. Disponível: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15824> Acesso em: 23 out. 2023

PESSANHA, L. F. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 306–331, 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i1.1515. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1515>. Acesso em: 7 out. 2024.

PRATES, S. R.; GONÇALVES, J. P. Educação superior e relações de gênero : atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, p. e019030, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653753>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RODRIGUES, Jaqueline Sobreira; MORAIS, Normanda Araujo de. Interação família-trabalho: um estudo sobre maternidade na pós-graduação. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 22, n. 2, p. 147-167, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jul. 2022.

ROSA, Nathalia da Silva; VIEIRA, Viviane Cazetta de Lima; NOGUEIRA, Iara Sescon; MARCON, Sonia Silva; FREZ, Flavia Cristina Vieira. TER UM FIHO DURANTE A PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS E DESAFIOS. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 1126–1146, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i3.2023-006. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9419>. Acesso em: 31 mar. 2024.

SANTOS, K. L. S. dos ; SANTOS, M. C. dos. O profissional de secretariado aliando a profissão à maternidade. **Secretariado Executivo em Revist@**, v. 4, n. 4, 15 jun. 2011.

SILVA, M.C.R da F; GUEDES, C. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista Katálisys**. v.23, n.3, p. 470-479. 2020.

SILVA, J. S. da; ALVES, M. B.; CARVALHO, G. B.; TAVARES, R.; ARRUDA, A. A. de; COSTA, C. D. M. da. A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó / Motherhood in the university trajectory: challenges faced by the students of the Federal University of Maranhão - UFMA campus VII Codó. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 42538–42550, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-027. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12515>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SILVEIRA, P. **Ser mulher, mãe e universitária: narrativas de estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina**. Universidade Federal de Santa

Catarina.2019.. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199709>. Acesso em: 20/06/2022

SILVESTRE, D. L. **Maternidade e vida acadêmica: um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do Campus da UFPA em Castanhal**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/2222>. Acesso em: 20/06/2022

SOUZA, L. F. de; MACHADO, L. H. B. Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 282–308, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12467>. Acesso em: 15 jul. 2022.7

SOUZA, Marcela Ingrid Mendes; DORNELAS, Myriam Angélica; BARBOSA, Rosemary Pereira Costa e; Maternidade e vida acadêmica: o caso da jornada feminina de estudantes de uma instituição de ensino federal **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.6, p. 18927-18948, jun., 2023.

URPIA, A.M.de O.; SAMPAIO, S.M.R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. **Revista Recôncavos**, v.3, n.2, p.30-43, 2009. Disponível em <http://www.UFRB.edu.br/reconcavos/pdf/ana-maria-de-oliveira-urpia-sonia-maria-rocha-sampaio.pdf> Francione Charapa Alves Acessado em: 25 de agosto de 2023.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M. de; ROCHA, D. S. da P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 532–552, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar da pesquisa acadêmica de autoria da estudante Marta Erlania Silva Alexandrino, que tem por objetivo compreender as vivências das discentes do curso de Secretariado Executivo que buscam conciliar a maternidade, o trabalho e a vida acadêmica. Fui informado(a) que a pesquisa é orientada pela professora doutora Daniela Giareta Durante, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail danielagiareta@ufc.br.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Minha participação é anônima, por meio de entrevista semiestruturada, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados serão realizados pela estudante e sua orientadora. Os resultados poderão ser compartilhados em formato de monografia e artigos científicos.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a):